

AS FÁBRICAS DE PAPEL NA REGIÃO DE TOMAR. MARCAS DE ÁGUA E APONTAMENTOS HISTÓRICOS

Maria de São Luiz Carreira

mariasluiz@gmail.com

RESUMO

As marcas de água do papel são elementos essenciais para identificar a proveniência do papel. A informação que elas veiculam permitem estabelecer e escrever história de vidas, de empresas, da indústria papeleira, entre outros aspectos.

Os motivos principais das marcas de água do papel, os nomes dos fabricantes e localidades, e a informação complementar possibilitam o delinear da história das fábricas de papel da região de Tomar, durante o século XIX.

PALAVRAS-CHAVE

Papel, marcas de água, motivo principal, fábricas de papel, Tomar.

ABSTRACT

Paper watermarks are essential to identify the provenance of paper. The information they carry enable us to write the history of lifes, of enterprises, of paper industry among other aspects.

The main motifs of paper watermarks, the names of the owners and locations and other complementary information enabled to withdraw an outline of the history of paper factories, in the Tomar area, during the 19th century.

KEYWORDS

Paper, watermarks, main motif, paper factories, Tomar.

O estudo que ora apresentamos, teve por base o inventário das marcas de água encontradas nas actas manuscritas das Sessões Parlamentares do período relativo à Monarquia Constitucional (1821-1910), realizado no Arquivo Histórico-Parlamentar, em Lisboa.

Dado que os livros de actas estão encadernados foi também feito o levantamento das folhas de guarda e, sempre que necessário, o dos fragmentos de folhas de papel contendo notas avulsas coevas.

Os elementos identificadores das marcas de água foram essenciais para determinar a proveniência do papel usado e tentar reconstituir a história das fábricas.

Num universo de 192 livros cerca de um quarto não apresentava marcas de água ou porque se tratava de papel sem marca de água ou ainda porque, aquando da encadernação, elas haviam sido cortadas. A grande maioria do papel usado, mais de metade, era de proveniência inglesa. Aproximadamente 15% tinha origem holandesa, e o pouco mais de 2% era de fabrico francês. A percentagem de papel português ficava-se pelos 2,60%.

Proveniência do papel

Origem	Nº de Livros	%
Reino Unido	103	53,65 %
Holanda	30	15,63 %
França	4	2,08 %
Portugal	5	2,60 %
Sem Marcas de Água	50	26,04 %

Foi no papel usado entre 1867-1881 que encontrámos o papel de fabrico nacional. Este era proveniente, sobretudo, de fábricas da região de Tomar.

As contramarcas indicavam as localidades onde as fábricas estavam implantadas: Marianaia e Prado, além da informação relativa à qualidade do papel: “almasso”.

Dos fragmentos, com notas avulsas, foi possível reconstituir uma outra marca de água, identificar fabricante e localidade – Marino & Araújo, de Porto de Cavaleiros.

A quase todas as marcas de água era comum o motivo principal - ramo de oliveira – tendo por baixo a palavra “Thomar”. Em algumas marcas surgia um motivo adicional – uma lua.



Fig 1. Mapa com localização das Fábricas

Na região de Tomar, ao longo do rio Nabão, existiram cinco unidades de produção de papel: Porto de Cavaleiros, Sobreirinho, Prado, Marianaia e Matrena. Como não tínhamos nenhuma marca de água do Sobreirinho ou da Matrena, iniciamos o levantamento das marcas em documentação relacionada com a aquisição de papel para o Diário das Sessões. Nessa documentação encontramos outras marcas de água que possibilitaram uma tentativa de reconstituição do historial das referidas fábricas.

Indicador da qualidade do papel é a palavra “Almasso”, contramarca colocada no lado direito da folha, tendo logo por baixo a palavra designando a localidade.

Uma particularidade que rapidamente capta a atenção é o facto de a palavra surgir grafada com “M” maiúsculo no meio do vocábulo “AlMasso”. Ora o étimo *almasso*, com origem no português antigo, tem a sua evolução do seguinte modo: *a lo masso* < *al masso* < *almasso*, actualmente grafado “almaço”, que alude ao modo de fabrico, ou seja, feito com o maço.



Fig 2. AlMasso | Prado

Impor-se-á uma digressão, ainda que breve, relativa à contramarca “Al Masso” dadas as dúvidas persistentes. Podemos encontrar outras designações como “Al Gran Masso”, “Sul Masso”, “Il vero Masso”, termos que denotam a origem italiana. “Al Masso” pode também e, apenas, neste caso, designar a fábrica construída em 1783, da família Magnani, que possuía várias manufacturas de papel, em Pescia¹. A marca “Al Masso com as letras GM indicando Giorgio Magnani”² era falsificada por outros papeleiros para facilitar a venda de papel de qualidade inferior. Decisão judicial dá conta que o papeleiro “de imediato fez tirar as Armas anteriores ... da antiga Marca que foi falsificada, de todas as formas das suas manufacturas, e a fez substituir pelas Armas da sua Família(...) com uma Fortaleza e duas estrelas dos lados, uma Águia em cima, e por debaixo dela Giorgio Magnani”³

Portanto se nos depararmos com papel português, a designação “almasso” aponta para o modo de fabrico. Já se o papel for de origem italiana, nomeadamente Al Masso | GM, até 1793, poderá ser proveniente da manufactura com aquele nome. Ou ainda, e após aquela data, com as armas da família, como foi descrito.

Porto de Cavaleiros

Nos antigos moinhos de farinha de Bartolomeu Testa, surgirá por volta de 1876 uma manufactura de papel de embrulho, dirigida pelo filho daquele, Nicolau. Todavia, no Processo de Licenciamento Industrial, o Inquérito Industrial, datado de 24.05.1955, refere que terá sido fundada “aproximadamente em 1845”⁴.

Marino Pereira da Costa e António Joaquim Araújo adquirem em 1879 a manufactura e após várias transformações iniciam em 8 de Março de 1882 a produção da Marino & Araújo.

Dez anos após a aquisição – em 1889 – a fábrica muda de proprietários em razão da sua venda à Companhia Tomarense de Papel de Porto de Cavaleiros⁵.

Tendo por base dois fragmentos reconstituímos parte da marca de água “Almasso 1ª | Marino & Araújo”, com o motivo ramo de oliveira. O terceiro fragmento ainda que contendo apenas parte das palavras possibilitou a leitura: Porto de Cavaleiros | Thomar, e um dos elementos de ligação do motivo principal - as folhas de oliveira.

1 “Le cartiere Magnani nel comune di Pescia sono tre (al Masso, Edifizio Nuovo, e S. Lorenzo) (...) “. *L'Italia nell'America Latina: La Italia en la America Latina. Per l'incremento dei rapporti industriali e commerciali fra l'Italia e l'America del Sud. Para el incremento de las relaciones industriales e comerciales entre Italia y la América del Sur*. Società tipografica editrice popolari, 1906. p. 27.

2 *Gazetta Universale*, nº 63, 6 de Agosto de 1793, p. 504.

3 Idem.

4 Cf. MINISTÉRIO DA ECONOMIA. DIRECÇÃO REGIONAL DA ECONOMIA DE LISBOA E VALE DO TEJO – Processos de Licenciamento Industrial. *Papéis de Porto de Cavaleiros*, S.A.

5 “Fábricas em Tomar”. PEREIRA, Esteves; RODRIGUES, Guilherme – *Dicionário Histórico, Corográfico, Biográfico, Bibliográfico, Heráldico, Numismático e Artístico*. Lisboa: João Romano Torres & Cª Editores. 1915.



Fig 3. Marino & Araújo

Trata-se, como indica a marca de água, de papel almaço, 1ª qualidade. No decorrer do século XIX, os governos mandataram que nos serviços públicos e para documentos correntes fosse incrementado o uso de papel de 1ª, 2ª e 3ª “sorte”.

A particularidade desta marca é a de apresentar, num só conjunto, a fusão dos elementos constantes da contramarca e da marca, acrescendo a qualidade específica.

Comparativamente às demais marcas apresentadas, esta é de dimensões bem maiores – aproximadamente (A. 262 mm x L. 343 mm). Considerando os dois fragmentos de base, a largura da marca de água e a zona de corte central poderíamos inferir que a marca ocuparia quase toda a folha de papel.

Sobreirinho

O açude e moenga do Sobreirinho eram propriedade de Bartolomeu Testa, um genovês, mestre papeleiro da fábrica Prado. Sabe-se que em 1837 já se fabricava papel com a contramarca “Testa”.

Em 1874 terá sofrido uma grande remodelação e nesta data era administrada pelo sócio Silvério da Costa Gonçalves.

A Companhia do Papel do Prado, constituída pelas Fábricas de Papel do Prado, da Lousã, da Marianaia, de Vale Maior, em Albergaria-a-Velha, adquire também a Fábrica do Sobreirinho em 1875 a António dos Santos Monteiro.

Dado que o Inquérito Industrial de 1881 refere que a fábrica estava parada poder-se-á concluir que a aquisição pela CPP tenha sido por motivos estratégico-comerciais.

A folha inteira do Sobreirinho apresentava, do lado esquerdo e na parte superior a palavra “Almasso” e na parte inferior a palavra “Testa”. Do lado esquerdo figurava, no centro superior, o motivo de uma pequena lira e por baixo desta a palavra “Thomar”. Em alguns casos também aparece um “quarto crescente”⁶.



Fig. 4. Lira Thomar 44

A marca que apresentamos é de uma meia folha com o motivo da lira tendo por baixo a palavra “Thomar” e por baixo desta o número “44”, que pensamos ser referência ao ano de fabrico – 1844, dado que o documento é de 1845.

Prado

O alvará de 2 de Julho de 1772, determina a criação da Fábrica de Papel do Prado, no lugar “em que esteve a fabrica de ferro no sitio do Prado junto à villa de Thomar”.

Francisco Roure, em requerimento de 1823 propunha-se “estabelecer uma Fábrica de Papel no sítio do Prado, próximo da villa de Thomar, mandando vir de Génova um Mestre e sua família (...) com grande desembolço seu afim de conseguir que na mesma Fábrica se manufacture bom papel⁷”. Como já mencionámos, Bartolomeu Testa, era mestre na fábrica do Prado.

Só em finais de 1824 foi dada resposta à pretensão do requerente que após a aquisição das ruínas as “aplicou a fábrica de papel, vendendo-a anos depois a seu cunhado Silvestre Schiappa Pietra⁸”.

6 Agradecemos a Maria José Santos que nos transmitiu a informação relativa à descrição desta marca de água.

7 RUAS, João – “Notícias sobre a história do Papel em Portugal”. *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*. vol. 33, 2014, pp. 31-37.

8 “Fábricas em Tomar”. PEREIRA, Esteves; RODRIGUES, Guilherme – *Dicionário Histórico, Corográfico, Biográfico, Bibliográfico, Heráldico, Numismático e Artístico*. Lisboa: João Romano Torres & C^a Editores. 1915.

Em 1836 está à frente dos destinos da fábrica Henrique de Roure Pietra⁹.

Em 1865 a Fábrica do Prado apresenta os seus produtos na Exposição Internacional, realizada no Porto, agora sob a direcção de Marianna de Roure & Filhos. Dez anos depois, em 1875, pela mão de investidores do Porto, é criada a Companhia do Papel do Prado, S. A. Esta Companhia, tal como ficou dito acima, comprará a Fábrica de Papel do Sobreirinho e a Fábrica de Papel da Marianaia, em Tomar, além das da Lousã e de Vale Maior. Actualmente tem a designação de PRADO KARTON – Companhia de Cartão, S.A.¹⁰

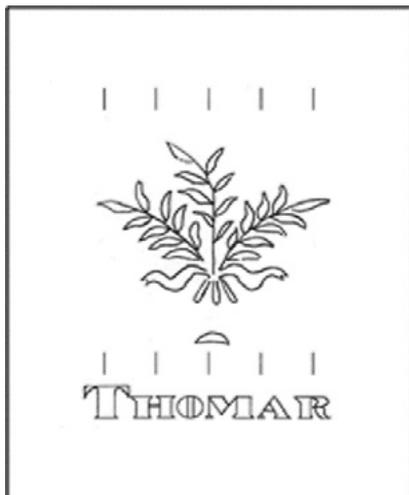


Fig.5 Logo



Fig. 6 Logo

9 Geralmente é indicada a data de 1836 como data da fundação da fábrica. Porém e de acordo com os excertos de documentação referida, a fundação será anterior. BANDEIRA, Ana Maria Leitão – *Pergaminho e Papel em Portugal: tradição e conservação*. Lisboa: CELPA, BAD, 1995, p. 47.

10 SANTOS, Maria José - *Marcas de Água: séculos XIV-XIX. Coleção TECNICELPA*. TECNICELPA – Associação Portuguesa dos Técnicos das Indústrias de Celulose e Papel; Câmara Municipal de Santa Maria da Feira. Santa Maria da Feira: Julho 2015, p. 135.



Fig. 7 Logo



Fig. 8 Logo

Da maior parte do papel da fábrica do Prado, com o motivo ramo de oliveira, consta um motivo adicional – uma lua – que surge logo abaixo do motivo principal, antes da palavra “Thomar” e aposta sobre as letras “O” ou “M” desta palavra. Dizemos “lua”, e não crescente porque, a bem dizer, estamos perante uma meia lua, que assume a forma ora de quarto crescente, ora de quarto minguante, ora aparece deitada. Outra marca de conteúdo similar apresenta este motivo adicional com “nariz”.



Fig. 9 Prado Thomar MA pormenor

Numa forma de marca dupla, no lado direito e ao centro da folha, além do mesmo motivo principal, com as palavras “Thomar|Prado”, o motivo adicional está logo abaixo, como se de uma assinatura se tratasse.

Da colecção Tecnicelipa consta uma marca de água com este motivo do ramo de oliveira, com a letra “T” maiúscula por baixo (Nº de inventário: MJ 1435 b)¹¹. Esta marca muito semelhante às que apresentamos, encontra-se num manuscrito de 1832. Pelo que vimos até agora este motivo era do agrado dos fabricantes de Tomar. Será esta uma das primeiras marcas da fábrica Prado?



Fig. 10. PRADO

Finalmente uma outra marca, da mesma fábrica, mas bem mais tardia. Dado que esta se encontrava numa folha de guarda das encadernações das actas manuscritas não foi possível estabelecer uma data precisa.

Marianaia

Situada 5 quilómetros a sul de Tomar, no local que foi um antigo moinho dos frades, surge em 1839 a fábrica de papel, pertencente a José Barreto Tavares, negociante de Tomar¹².

A Fábrica de Papel da Marianaia será vendida ao Visconde de Vila Nova da Rainha, que a dirigiu como proprietário por vinte anos¹³, até que em 1877 será adquirida pela Prado.

Notícia dos *Annales du commerce extérior*, publicada em 1862, relativa à Fábrica de Papel da Marianaia, diz que as outras duas fábricas, referindo-se à Fábrica de Papel do Prado e à do Sobreirinho, “são menos importantes”¹⁴. Um artigo da *Gazeta das fábricas*, em 1865, classifica a Marianaia como

11 Idem, p. 50

12 SOUSA, João Maria – *Notícia descritiva e histórica da cidade de Tomar*. Tomar: Tip. Silva Magalhães, 1903, p.38.

13 Os verbetes relativos ao 2º Visconde de Vila Nova da Rainha e outras notícias são unânimes ao referir que este dirigiu como proprietário a fábrica de Marianaia durante vinte anos. Se tivermos em conta que a fábrica foi adquirida pela Fábrica do Prado em 1877 concluiremos que terá sido vendida ao Visconde em 1857. *A Ilustração portuguesa: revista literária e artística*. Semanário. Vol. 5, 1888, p.25.

14 “Les deux autres fabriques de Prado, près de Thomar, et de Sobreirinho, la première existant depuis 1825, sont moins importantes.” *Annales du commerce extérior*. Vol. 6, 1862. Paris: Imp. et Librairie Administrative de Paul Dupont, p. 57.

“uma das melhores, se não a melhor, do país, para o fabrico de papel almasso”¹⁵. E acrescenta que na Grande Exposição de Londres de 1862 os produtos apresentados haviam sido “muito apreciados (...) pelos homens competentes” como disso fazia eco a imprensa britânica¹⁶.

Em 1895 era a única fábrica, das existentes ao longo do rio Nabão, que continuava a produzir papel exclusivamente de forma.

Um grande incêndio destruiu, em 1898, grande parte da fábrica. O fogo terá tido origem na Casa do Espande, e em instantes ter-se-á propagado aos três pisos¹⁷.

De novo, as marcas de água, possibilitaram a identificação do primeiro dono da Fábrica de Papel da Marianaia e a associação, posterior, com seus filhos. A folha inteira, de cor azul, tinha do lado esquerdo, ao centro, “J. Tavares B.”, e do lado direito, a meio da folha, as palavras “AlMasso | Thomar”. Numa outra folha inteira, a mesma marca de água, com o nome “J. Tavares B.”, mas que agora, desce para a parte inferior da folha. Enquanto no primeiro caso a marca de água é de maior dimensão (A. 20 mm x L. 195 mm), no segundo a altura cai para quase metade da altura (A. 9 mm x L.197 mm).



Fig. 11. J Tavares B.



Fig. 12. Tavares & Filhos|Thomar

¹⁵ *Gazeta das Fábricas*. Associação Promotora da Indústria Fabril. Vol. 1-2, 1865, pp. 215-216.

¹⁶ Idem.

¹⁷ *The World's Paper Trade Review*. Vol. 29 (Jan.-June 1898). London: Stonehill & Gillis, p. 3.

A figura seguinte, que reproduz a marca “Tavares & Filhos | Thomar”, e que pensamos ser da Marianaia, foi extraída da publicação *Anais das bibliotecas e arquivos de Portugal* (1921), num artigo de António Joaquim Anselmo.

A figura 13 apresenta uma disposição de elementos identificativos na folha de papel semelhante à do Prado. Comparadas as dimensões das palavras constantes das contramarcas, a da Marianaia apresenta tamanho menor. Já na marca principal a palavra “Thomar”, apresenta um espaço maior entre as letras. O motivo adicional, se presente, é bem mais “delgado”. A marca “Almasso|Marianaia” foi copiada documento manuscrito de 1877, data em que a fábrica foi comprada pela Companhia do Papel do Prado.



Fig. 13 Almasso Marianaia Thomar

Matrena

Máximo de Pina obteve em 1595, licença de Filipe I para, na sua Quinta da Matrena, fazer uma fábrica de vidros que terá funcionado até 1706.

Em 1876, os moinhos, estavam arrendados a António de Albuquerque do Amaral Cardoso. Será, contudo, Manuel Valente Júnior a vendê-los a João de Oliveira Casquilho.

Estaria desactivada, em 1890, quando J. O. Casquilho os adquire e inicia trabalhos de transformação. A Fábrica de Papel da Matrena será inaugurada a 15 de Janeiro de 1900.



Fig. 14. JO Casquilho

No timbre de papel da fábrica, no canto superior esquerdo encontra-se o monograma com as letras “J”, “O”, “C”, nome do proprietário. A marca de água da Matrena reproduzia este monograma.

Nos anos 40 do século passado estava à frente dos destinos da fábrica Joaquim Pedro da Assunção Rasteiro, neto de João de Oliveira Casquilho. No final de 1965 a passa a ser designada por Matrena – Sociedade Industrial de Papéis. S.A.

A título de curiosidade refira-se que o papel denominado de “papel cavalinho” tão usado para desenho, era fabricado na Fábrica de Papel da Matrena, sendo marcado a seco com o cunho de um cavalinho empinado. A máquina que cunhava a folha de papel encontra-se no Museu do Papel de Santa Maria da Feira onde decorre o presente Congresso.

Conclusões

A partir do segundo quartel do século XIX, emergiram, ao longo do Nabão, bem no centro do país, quatro das cinco fábricas de papel. Somente a Fábrica de Papel da Matrena começará a laborar em 1900.

À semelhança do que acontece em muitos outros casos, estas fábricas tiveram na sua génese antigos moinhos farinheiros, azenhas ou ferrarias – caso do Prado -, que após transformação passavam a produzir papel. O polo de Tomar não fugiu a essa regra.

A indústria em Portugal, de um modo geral, teve um desenvolvimento lento e tardio quando comparada com a de outros países europeus. O mesmo sucedeu com a indústria papeleira nacional.

Coexiste, nesta fase, a produção de papel tanto em pequeníssimas fábricas, como noutras de maior dimensão as quais, naturalmente, terão uma maior longevidade empresarial. Nas últimas décadas do século XIX verifica-se a emergência de um grande grupo – Companhia do Papel do Prado, S.A. – que associará as Fábricas de Papel do Prado, Fábrica de Papel da Marianaia e Fábrica de Papel do

Sobreirinho, desta região de Tomar, e que, como foi dito, se associa a outras fábricas de papel noutras regiões do país.

Da análise das marcas de água, constatou-se que o motivo principal usado pelos fabricantes desta região era o ramo de oliveira. Mas não só por estes, também se encontra nas marcas de água da Renova, de Penela. Em muitos casos a marca é acompanhada de um motivo adicional, que como vimos, era uma lua pequenina – Prado, Marianaia.

Invariavelmente, sobretudo no início da actividade, o nome do proprietário ou proprietários são a marca de água principal.

Os elementos constitutivos e identificadores das marcas de água são pois essenciais para a reconstituição da história das empresas ligadas à indústria papeleira, além de fundamentais para a datação de documentos.

BIBLIOGRAFIA

Fontes Manuscritas

Arquivo Histórico Parlamentar:

Actas da Câmara dos Deputados, Liv^o 138 – 141, 143.

Actas dos Dignos Pares do Reino, Liv^o 269.

Arquivo do Ministério da Economia:

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. DIRECÇÃO REGIONAL DA ECONOMIA DE LISBOA E VALE DO TEJO – Processos de Licenciamento Industrial. *Papéis de Porto de Cavaleiros, S.A.*

Fontes Impressas

Annales du commerce extérieur. Vol. 6, 1862. Paris: Imp. et Librairie Administrative de Paul Dupont, p. 57

ANSELMO, António Joaquim – “A bibliografia portuguesa IV”. *Anais das bibliotecas e arquivos de Portugal*. Lisboa: Biblioteca Nacional, Vol. 2, nº 1 (1921), pp. 202.

Actas del VIII Congreso Nacional de Historia del Papel en España. Burgos, AHHP, 2009. pp. 53-57.

BANDEIRA, Ana Maria Leitão – *Pergaminho e Papel em Portugal. Tradição e conservação*. Lisboa: CELPA – Associação da Indústria Papeleira; BAD – Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, 1995.

BINI, Massimiliano - “Cartiere e archeologia industriale”, *La Svizzera Pesciatina*. p. 76-79. Dossier Candidatura Unesco. Progetto Terraviva. Associazione Onlus. (www.svizzera-pesciatina.it/it/sviz-pesc-02.07.asp)

CARREIRA, Maria de São Luiz da Silva Carreira – *Marcas de água. Arquivo Histórico Parlamentar (Monarquia Constitucional 1821-1910)*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Documentação e da Informação Arquivística, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012 (policopiado).

Gazeta das fábricas. Lisboa: Associação Promotora da Indústria Fabril. Vol. 1 - 2, 1865, pp. 215-216.

Inquérito Industrial de 1881. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881, pp. 230-232.

L'Italia nell'America Latina: La Italia em la America Latina. Per l'incremento dei rapporti industriali e commerciali fra l'Italia e l'America del Sul. Para el incremento de las relaciones industriales e comerciales entre Italia y la América del Sur. Milano: Società tipografica editrice popolare, 1906, pp. 27.

MELO, Arnaldo Faria de Ataíde e – “Materiais para a identificação dos documentos manuscritos e impressos em papel, até final do século XX em Portugal”. *Anais das bibliotecas e arquivos de Portugal*. Vol. 5, nº 19 e 20 (Jul.-Dez.) 1924. pp. 171-175.

MELO, Arnaldo Faria de Ataíde e – *O papel como elemento de identificação*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1926.

PEREIRA, Esteves; RODRIGUES, Guilherme - *Dicionário Histórico, Corográfico, Biográfico, Bibliográfico, Heráldico, Numismático e Artístico*. Lisboa: João Romano Torres & Companhia Editores, 1915. Vol II. p. 140-141 “Tomar (Fábricas em)”.

ROSA, Alberto de Sousa Amorim (org.) – *Anais do Município de Tomar, crónica dos acontecimentos: extratos das actas, correspondências, contractos e outros documentos existentes nos arquivos camarários*. vol. II, Tomar: Câmara Municipal de Tomar, 1967.

RUAS, João – “Notícias sobre a história do Papel em Portugal”. *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*. vol. 33, 2014, pp. 31-37.

SANTOS, Maria José Ferreira dos - “Marcas de água e história do papel. A convergência de um estudo”. *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*. Lisboa: Centro de História da Cultura. Vol. 33, 2016.

——— *Marcas de Água: séculos XIV-XIX. Coleção TECNICELPA*. TECNICELPA – Associação Portuguesa dos Técnicos das Indústrias de Celulose e Papel; Câmara Municipal de Santa Maria da Feira. Santa Maria da Feira: Julho 2015.

SOUSA, João Maria – *Notícia descritiva e histórica da cidade de Tomar*. Tomar: Tip. Silva Magalhães, 1903, pp. 35, 38.

The World's Paper Trade Review. Vol. 29 (Jan.-June 1898), London: Stonehill & Gillis, p. 3.

VELOSO, Carlos; PONTE, Salette da (Coord.) – *Imagens de Tomar: Roteiro Histórico*. Tomar: Câmara Municipal de, 1992.